



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A Pecuária Face a formação econômica sul - Mato Grossense

Artigo Completo

Glaucinda dos Santos Souza (UEMS) glaucinda_souza@hotmail.com

Claudia Maria Sonaglio (UEMS) claudia.sonaglio@gmail.com

Carlos Otavio Zamberlan (UEMS) otaviozamberlan@gmail.com

Resumo:

O tema do projeto se justifica quanto à importância da pecuária perante a formação populacional e econômica do Estado. Possibilitando que hoje o estado seja detentor de um dos maiores e melhores rebanhos bovinos no país. A pecuária que foi iniciada apenas como atividade complementar e servir para subsistência, aos poucos foi ganhando o seu espaço, se aprimorando, se desenvolvendo e contribuindo muito para a formação do Estado do Mato Grosso do Sul. Um dos objetivos do projeto é mostrar a evolução da pecuária no Estado de Mato Grosso antes do desmembramento e como seguiu após a divisão, tornando-se Mato Grosso do Sul.

Palavras-Chave:

Pecuária, formação econômica, estado, desmembramento, mato Grosso Mato Grosso do Sul.

1. Introdução

A conquista e a ocupação efetiva do Mato Grosso do Sul foi consequência da atividade pecuária e, posteriormente da agricultura. Mesmo que o processo de povoamento originado com as tarefas de extração vegetal, especialmente erva-mate, tenha sua importância histórica, foi através da pecuária que o estado do Mato Grosso do Sul conseguiu efetuar uma ocupação menos dispersa daquelas ocorridas a partir da extração vegetal. Fora isso, a pecuária foi um elemento de ocupação do território em praticamente todos os períodos históricos vivenciados pelo Mato Grosso e pelo atual Mato Grosso do Sul, da mesma forma que ocorreu com o restante do Brasil, como aponta Prado Júnior (1942)

Já sem contar o papel que representa na subsistência da colônia, bastaria a pecuária o que realizou na conquista de território para o Brasil a fim de colocá-la entre os mais importantes capítulos de nossa história. Excluída a estreita faixa que beira o mar e que pertence à agricultura, a área imensa que constitui hoje o país se divide, quando aos fatores que determinaram sua ocupação, entre a colheita florestal, no Extremo Norte, a mineração no Centro-Sul, a pecuária, no resto”. (Caio Prado Jr., 1942).



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Essa passagem de Prado Júnior deixa claro que existia concentração de atividades econômicas de exploração em algumas regiões do Brasil, mas coube a pecuária se estabelecer na maior parte das regiões brasileiras, mesmo quando elas ainda não pertenciam ao Brasil.

No entanto, a atividade pecuária ganha impulso como atividade econômica secundária, a partir da mineração, onde ocorreram fluxos mais regulares de ocupação em várias partes do Brasil e na região meridional, atual Mato Grosso do Sul. Nesse período histórico, a ocupação das terras do Mato Grosso se dá pela imigração de famílias originárias de Minas Gerais, seguindo a rota do Rio Paraná, visando à apropriação de terras devolutas para a criação de fazendas. Com o fim da mineração, o gado começa a ser explorado como uma das principais atividades econômicas do sul de Mato Grosso.

2. Introdução da atividade pecuária

A pecuária no Brasil iniciou-se logo após o descobrimento como atividade de subsistência, utilizando as cabeças de gado provenientes de Cabo Verde, de onde também vieram as primeiras mudas de cana-de-açúcar (PERREIRA, 2011). Como a atividade canavieira se desenvolveu inviavelmente no nordeste, a pecuária também se desenvolveu nessa região para fins de subsistência e força motriz. Foi nas fazendas de açúcar que a atividade criatória se desenvolve, todavia, com o tempo, o gado foi considerado antieconômico, pois exigia grande quantidade de pasto ocupando terras que poderiam ser mais rendosas se utilizadas no cultivo da cana (ALENCAR, CAPRI e RIBEIRO, 1979).

Furtado (2003) coloca que na medida em que a economia açucareira se expandia crescia a necessidade de animais de tração em função da devastação das florestas e da necessidade de coleta de lenha a distâncias cada vez maiores. Todavia, evidencia-se a impraticabilidade na criação de gado na região litorânea, dentro das unidades produtoras de açúcar, fato que fez o governo português proibir (por meio de um decreto) a criação na faixa litorânea, que veio a contribuir para penetração da atividade criatória no interior do Brasil.

No período colonial o desenvolvimento da pecuária aconteceu com o próprio processo de colonização, quando os portugueses trouxeram as primeiras reses para a realização da tração animal, consumo local e transporte de cargas e pessoas. Seguindo o fluxo de diferentes rios, os criadores de gado adentravam o território e, conseqüentemente, expandiam involuntariamente as possessões coloniais. Favorecendo, assim, o alargamento das fronteiras, a atividade pecuarista desenvolvia relações sociais e econômicas que se distanciavam dos padrões tradicionalmente ditados pelas plantações agroexportadoras e escravistas do litoral brasileiro. Os vaqueiros, que



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

coordenavam as atividades junto ao gado e comandavam os peões, recebiam um quarto das crias do rebanho nascidas ao longo de um período de quatro ou cinco anos. Era marcada por interessante mobilidade social a pecuária colonial que permitia que os vaqueiros se tornassem donos do seu próprio rebanho. Paralelamente, a pecuária colonial destoava das políticas econômicas privilegiadas pela Coroa Portuguesa. Ao invés de produzir riqueza visando à conquista do mercado externo, a pecuária desse tempo concentrava-se no abastecimento das cidades e outros povoados do território brasileiro (FURTADO, 2003; PRADO JUNIOR, 1942 VALVERDE, 1967; ESSELIN, 2011).

Foi a partir da descoberta de minerais e pedras preciosas que a atividade de criação de gado passa a penetrar no território brasileiro. O Bandeirismo, deixa de ser apenas para caça de índios e passa a ser utilizado para descobrimento de ouro e diamantes, que inicialmente se deu em Minas Gerais, passando por Goiás e Mato Grosso, entre outras regiões que vieram a fazer parte do território brasileiro. Acompanhando as descobertas estava a pecuária servindo de meio de subsistência aos mineradores.

3. A atividade pecuária na formação territorial brasileira e do estado sul-matogrossense

O desenvolvimento da pecuária no Brasil teve início logo após o descobrimento, como visto anteriormente. Segundo Simonsen (2005) a primeira grande fase do gado do período colonial se dá nas zonas de açúcar em virtude da necessidade da indústria utilizar nos trapiches e engenhos que eram movidos por bois, além das necessidades da sua utilização em carretas de lenha e de açúcar, exigindo muitas cabeças de gado, bem como na alimentação. Então, foi nas fazendas de açúcar que a atividade criatória se desenvolve; todavia, essa atividade concorria com a cana-de-açúcar, que era vista como mais rendosa e não poderia ocupar o mesmo espaço, exigindo que ela fosse afastada das áreas canavieiras (ALENCAR, CAPRI e RIBEIRO, 1979). Entretanto, o gado era importante para as lavouras de cana-de-açúcar como elemento de tração e como alimentação dos trabalhadores de engenho.

Valverde (1967) coloca que desde o final do século XVI foi proibida a criação de gado até dez léguas da costa, medida que teve como consequência a separação econômica entre lavoura e pecuária, diferente do que ocorria na Europa. No entanto, essa medida não se aplicava a ilha de Joanes (hoje Marajó) e os campos de Goitacazes, região do estado do atual Rio de Janeiro.

Essa disputa entre lavoura e gado se dava, também, pelo fato de não existir arames que separavam o gado das lavouras, o que gerava perdas nas propriedades de cana-de-açúcar. Dessa forma, a solução encontrada foi levar o gado para outras regiões, de forma que não prejudicassem a cultura exportadora da época.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

De acordo com Nadai e Neves (1980) as primeiras fazendas eram extremamente simples necessitando poucas pessoas para o serviço e cavalos para transporte do vaqueiro, que seguia o gado, criado solto pelas terras em um regime extensivo. Segundo as autoras, a produção nordestina abastecia a zona açucareira com carne fresca, carne-seca, carne-do-ceará e couro.

Valverde (1967) salienta que a atividade pecuária teve nos sertões nordestinos a mais importante região pastoril do Brasil colônia em virtude de fatores como a vegetação rala, o relevo suave, os afloramentos salinos – conhecidos como “lambedouros” – as jazidas de sal gema, que abasteciam desde o Piauí até Minas, depois Goiás e Mato Grosso, além do mercado da região açucareira. Segundo o autor, o sertão nordestino, onde o gado bovino era criado, abrangia desde o Rio Paranaíba até o norte de Minas, incluindo a Zona de Pastos Bons no Maranhão, tendo como limite ocidental as margens do médio São Francisco, mas excluindo o litoral oriental do nordeste, ocupado com a cana-de-açúcar.

Foi a partir do ciclo do ouro e diamantes que a atividade pecuária passa a penetrar nos confins do Brasil colonial. Com o incentivo da coroa portuguesa pela busca do ouro no interior de sua colônia, bandeirantes, que eram caçadores de índios, passam a explorar as regiões da colônia em busca de metais e pedras preciosas a pedido e a contrato dos governantes portugueses. Primeiramente, em 1690, foram encontradas as zonas auríferas de Minas Gerais. Nos anos de 1700, através das monções, um tipo de bandeirismo fluvial, que subia o rio Tiete, passando pelo Paraná, contribuiu para a descoberta do ouro em Mato Grosso e Goiás. Dessa forma, em 1719, Pascoal Moreira Cabral descobre ouro em Cuiabá e, em 1725, Goiás entra para o circuito do ouro através do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como Anhanguera, ou diabo velho (FAZOLI FILHO, 1977).

Essas descobertas levam a pecuária para essas regiões para servir de meio de subsistência aos mineradores. Todavia, conforme Simonsen (2005), inicialmente os mineradores de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais eram abastecidos pelos criadores do Vale do São Francisco e Sertões Nordestinos; porém, a alta dos preços do gado vindos das regiões nordestinas incentivou a instalação de fazendas nas novas regiões mineradoras.

Dantas (1989, p.64) coloca que “no Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso) a pecuária foi implantada de modo semelhante à de outras áreas da colônia. E, como no Nordeste, teve caráter extensivo, e foi induzida pela economia mineradora”. Frente a isso, Becker e Bernardes (1978) colocam o papel importante da pecuária como principal agente de ocupação do território, não somente em áreas novas, mas como substituto de outras atividades à retaguarda de zonas pioneiras, o que vem ao encontro do salientando por Valverde (1967) ao colocar que a atividade pecuária foi de grande importância, pois ocorreu concomitantemente com a coleta florestal na mata amazônica, ao norte, e as



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

áreas de migração e lavoura de açúcar, a leste e a sudeste e teve profundo significado na ocupação econômica de grande área do território brasileiro.

Com relação ao território amazônico, Claudino *et al.* (2013) colocam que a região do Xingu tinha como regime agrário o extrativismo e a criação de animais para subsistência, além da caça, pesca e da pequena agricultura. Entretanto, com a exploração da borracha, em meados do século XIX, há uma transformação do sistema agrário para um sistema baseado na exportação que perdura até meados dos anos 1950, período em que a borracha brasileira sente o impacto da concorrência asiática. Os missionários Jesuítas passam a explorar a região baseando-se na criação de animais e na pequena agricultura e esse sistema agrário, que divide espaço com o extrativismo vegetal e mineral perdura até os anos 1960, onde se vê o gado bovino como um agente secundário na ocupação dessa região.

Da mesma forma, Silva e Bastos (1983), advogam que a pecuária foi importante para o desenvolvimento do território brasileiro, pois foi fator de ocupação, povoamento e desenvolvimento de vastas áreas do Brasil atingindo regiões como o Ceará, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Goiás, Rio Grande do Sul e outros. Com o surgimento das atividades mineradoras nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, a pecuária ampliou seu mercado consumidor estabelecendo novas frentes de expansão além do Nordeste e da região sul.

4. A pecuária no Centro-Oeste, Mato Grosso e no atual Mato Grosso do Sul

No Centro-Oeste, em especial no Mato Grosso a atividade de bovinocultura responde por distintas etapas no processo histórico ocupando a região de maneira oficial desde o século XVIII, quando da necessidade de carne para abastecer trabalhadores que construía a estrada que ligava Cuiabá a Vila Boa de Goiás, além de suprir a população residente praticante do extrativismo mineral, e nos diversos ciclos que se sucederam atingindo o status de atividade principal da economia do Centro-Oeste, até fins da segunda metade do século XX, quando deixa de ser a principal atividade econômica da região, abrindo espaço para a moderna agricultura de exportação (BONJOUR, FIGUEIREDO e MARTA, 2007; BORGES, 1991). Os primeiros bovinos vieram do vale do São Francisco e do Maranhão para Goiás e depois para Mato Grosso, região do Pantanal e de Campo Grande, que hoje é a capital do estado de Mato Grosso do Sul.

Todavia, com o aumento do preço do gado nas regiões nordestinas em virtude da alta demanda proveniente das regiões litorâneas, que necessitavam do gado para as atividades ligadas aos engenhos, bem como das novas regiões de exploração mineral como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, e das regiões de extrativismo vegetal e mineral da Amazônia, o gado passa a penetrar no Mato Grosso por outras rotas. A exemplo disso, o gado originário de estâncias de missionários paraguaios penetrou nos



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

campos de vacaria do sul de Mato Grosso. Também, em virtude da mineração, um elo econômico é criado unindo o Sudeste e o Sul com o Mato Grosso para negociação de gado.

Simonsen (2005) mostra essa rota de gado, que parte de Colônia de Sacramento (atualmente pertencente à República Oriental do Uruguai) seguindo para Rio Grande e Pelotas (Rio Grande do Sul), passando por Laguna (Santa Catarina), invernando nos Campos de Araranguá (SC) e Paraná, para chegar a Sorocaba (SP) antes de partir para Minas Gerais e, posteriormente, seguir para os campos de Vacaria no Sul do Mato Grosso, abastecendo as fazendas que ali se desenvolvem.

Também contribuíram para a formação dos rebanhos da Região de Mato Grosso o gado proveniente da zona de colonização espanhola, que partia da província de Buenos Aires em direção as zonas de mineração no Peru, sendo que parte desse gado ficava nos confins mato-grossenses por serem apreendidos por índios nativos da região. Além disso, a presença do gado já havia ocorrido pela ação dos missionários espanhóis que fundaram cidades na região sul do Mato Grosso, mas que ali não permaneceram em virtude dos constantes ataques de nativos, que auxiliou na dispersão do gado bovino na região (ESSELIN, 2011).

Segundo o autor, com as incursões portuguesas, que nomearam as áreas do sul de Mato Grosso como Vacaria, por terem encontrado muitos rebanhos silvestres, e as monções, descobre-se ouro na região de Cuiabá e dá-se início a formação de centros urbanos e de fazendas de gado, muitos aprisionados nos campos de vacaria e levados para a vila de Cuiabá. Essa colonização passa a dar a Portugal o direito de demarcar terras como sendo da Coroa Portuguesa (VALVERDE, 1967).

O gado passa a penetrar no Mato Grosso vindo de Colônia do Sacramento, passando por São Paulo em direção aos campos de Camapuã e vacaria, e depois seguindo para a região da vila de Cuiabá. Segundo Simonsen (2005) essas novas rotas surgem em virtude dos preços elevados do gado nordestino e, portanto, as leis econômicas foram delimitando as zonas de predominância de gado e de melhor carne bovina dentro dos limites territoriais brasileiros, incluindo o território do Mato Grosso.

Outras rotas de gado se formam ligando a região de Goiás, Mato Grosso com São Paulo e Minas Gerais. Com a expulsão dos holandeses do nordeste as estruturas da economia agrícola colonial baseada na cana-de-açúcar foi abalada. Segundo Dantas (1989) os holandeses implantam a plantation produtora de açúcar e tabaco nas Antilhas através de empreendimentos coloniais mais competitivos que o português, que não acompanha os preços no mercado internacional. Dessa forma, a economia colonial estagnou e os engenhos nordestinos passaram a sobreviver com a mão-de-obra remanescente. Sem o mercado comprador de mão-de-obra indígena, os bandeirantes transferem seus esforços para a procura de metais preciosos e Portugal, necessitando



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

de outra fonte de renda, incentiva o bandeirismo prospectar prêmios, honrarias e privilégios. Isso acelerou o processo de descobertas de metais preciosos em Minas Gerais, Goiás e Cuiabá, o que fez com que outras regiões modificassem suas estruturas sociais e econômicas em virtude dessas descobertas.

De acordo com Neto (2009) a região nordeste de São Paulo foi modificada com a descoberta de pedras preciosas no século XVIII, na região de Minas Gerais, pois o território, que tinha pouca ocupação humana, passou a ser morada de famílias que buscavam aproveitar a condição favorável das oportunidades geradas pela mineração. O desenvolvimento e organização populacional no nordeste de São Paulo passou a oferecer atividades mercantis, como o aluguel de pastagens para descanso dos animais, pernoite aos viajantes e as transações de gêneros alimentícios aos que se aventuravam por esse caminho com destino a Minas Gerais.

Conforme destaca o autor, entre 1810 e 1835 os migrantes mineiros propiciaram o surgimento definitivo de vários povoados na região nordeste paulista. Com as migrações a região veio a ser rota mercantil, principalmente de negociação de gado entre as capitânicas de Mato Grosso, Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Muito do gado adquirido pelos mineradores eram provenientes das fazendas de São Paulo, Vila Boa de Goiás, e de Mato Grosso.

Para Neto (2009), o crescente comércio de gado nas Gerais trouxe mudanças em áreas mais distantes do que se costuma cogitar como as regiões do sul e do Triângulo Vacaria, no sudoeste do atual planalto sul-mato-grossense. Nesta última localidade, os pecuaristas mineiros provocaram a articulação de seus rebanhos aos rebanhos oriundos das missões jesuíticas espanholas, expandindo assim o comércio do boi até as pastagens paraguaias. Segundo o autor, por conta disso, o presidente da província de Mato Grosso determinou a abertura de picada ligando Mato Grosso a São Paulo, passando pelo Triângulo Mineiro (conhecido como Sertão da farinha pobre). Nisso, o governo paulista custeava bandeiras organizadas para providenciar a abertura e apossamento de terras visando estabelecer rebanhos de gado, inclusive nas margens do Rio Paraná (NETO, 2009).

Já na segunda metade do século XIX, eclode a guerra do Paraguai, que veio a ruir a estrutura econômica Brasileira e do Mato Grosso. Nessa guerra a pecuária foi importante, pois o gado significava alimento das tropas que combateram na guerra, tanto do lado dos aliados como do lado paraguaio. Segundo Doratioto (2002) após a invasão paraguaia ao Forte Coimbra, os refugiados brasileiros e os índios buscavam gado para levar aos acampamentos com finalidade de alimentação, da mesma forma, os exércitos entravam em fazendas de pecuária para levar o rebanho e com isso garantir o alimento nas longas jornadas para os campos de batalha. Segundo Fazioli Filho (1977) a guerra trouxe ao Brasil uma grave crise financeira, consequência dos empréstimos



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

contraídos, principalmente dos capitalistas ingleses, e para Mato Grosso, a ocupação com a pecuária, como atividade econômica principal.

A Guerra do Paraguai evidencia a importância do gado nas regiões próximas a fronteira. Em “Retirada da Laguna”, Taunay faz referências constantes à necessidade de abastecimento das tropas, especialmente com gado. Tropas brasileiras estabelecidas em Nioac, no atual Mato Grosso do Sul, não avançavam sobre os paraguaios, em decorrência, justamente, de que não dispunham de mais gado para alimento (NETO, 2009; Doratioto, 2002).

Após a guerra do Paraguai, gaúchos (Rio Grande do Sul) que participaram da Guerra, retornaram ao sul de Mato Grosso para fins de explorar as terras da região, pois viram nelas a oportunidade de criar gado, explorar a erva mate nativa e de implantar policulturas, principalmente no século XX. A figura 1, extraída de Neto(2009) auxilia a entender os caminhos de ocupação do Estado de Mato Grosso do Sul durante diversos períodos históricos.

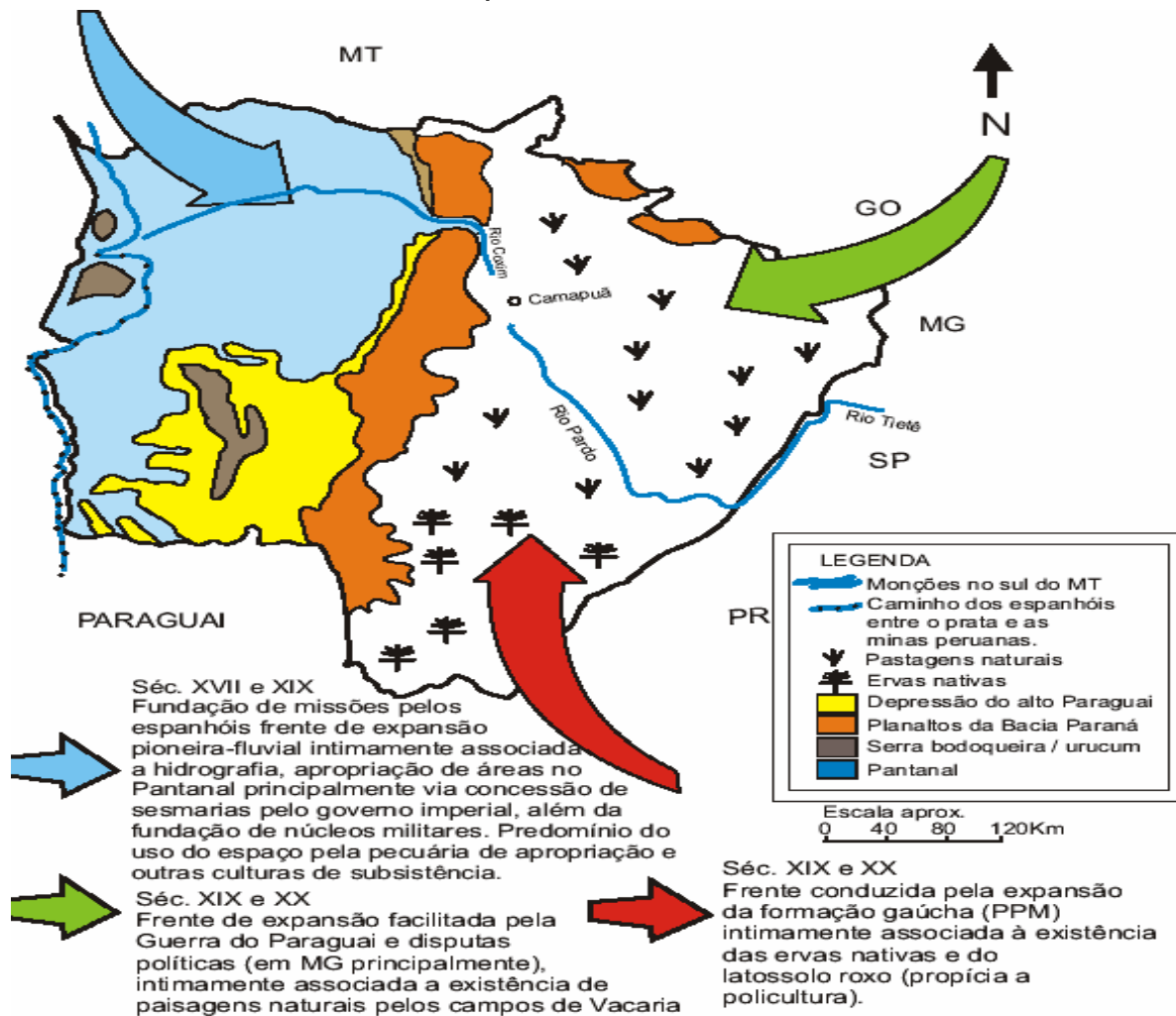


ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Figura 1 - Os caminhos de entrada existentes no sul do Mato Grosso a partir do século XVII



Fonte: Neto (2009)

A Guerra provocou a desorganização da produção, uma vez que os proprietários em fuga abandonaram suas terras, contribuindo para que os rebanhos passassem à condição de selvagem. "(...) até os porcos domésticos que sobreviveram tinham se tornado selvagem, criando-se regionalmente a expressão 'porco monteiro', que existe até hoje." (VALVERDE, 1972, Apud, ESSELIN, 2011, p.107).



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Com o fim da Guerra do Paraguai o comércio de gado na região de Mato Grosso se transforma, dando lugar para empresas estrangeiras que adquiriram latifúndios e passaram a destinar o gado para ser abatido nos países platinos e nos estados da Região Sudeste. Diante disso foi construída a uma estrada boiadeira ligando a região de Vacaria à zona de Sant'Anna do Parnayba. Essa estrada tinha como fim permitir que o gado seguisse para a engorda nas invernadas mineiras ou paulistas e posteriormente para os mercados consumidores, principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo (NETO, 2009).

No Mato Grosso, os setores que obtiveram melhor desempenho após a guerra do Paraguai até 1889 (Proclamação da República) foram os com pouca utilização de mão-de-obra, ou que não dependiam da utilização do escravo, como a pecuária, a extração de erva-mate (na região Sul) e a poaia e a borracha (região Norte) setores que se desenvolveram na economia mato-grossense (PAVÃO, 2005).

A partir da década de 1880, a economia apresenta bons resultados, somando recursos importantes para a receita mato-grossense, seja pela atividade pecuária, seja pela exploração de seus subprodutos (couros, carne, etc.). A principal praça a ter negócio com o Mato Grosso foi a de Minas Gerais, a qual possibilitou a vinda de grande contingente de migrantes que, acreditando na estabilidade política e nas boas condições físicas da região Centro-Sul, colonizaram o local, formando um conjunto importante de vilarejos, que se tornaram importantes cidades de Mato Grosso (PAVÃO, 2005).

Importante corrente migratória tem início por volta de 1890 para o estado de Mato Grosso, proporcionado pelos gaúchos considera dois fatos: a semelhança dos campos ao sul de Mato Grosso com os campos dos pampas Gaúchos e as guerras civis que vinham ocorrendo no Rio Grande do Sul, principalmente a revolução federalista de 1893 (SILVA e BASTOS, 1983). Esses migrantes vieram de vários municípios, A migração, porém, não é somente de gaúchos, que atravessavam a Argentina, passaram pelo Paraguai e se estabeleceram em povoamentos no sul de Mato Grosso. Em 1870 a cidade de Cuiabá se desenvolve de forma desordenada devido ao grande fluxo de imigrantes vindos de todas as partes principalmente de paraguaios em busca de emprego e de um novo começo (CAVALCANTE, ESSELIN, 2011).

A melhora na economia de Mato Grosso do Sul também é devida a exploração da erva mate nativa, que ganha vigor a partir de 1878, quando Thomas Laranjeira arrendou terras ricas em ervais e instalou a Companhia Mate Laranjeira com a participação do Banco Rio e Mato Grosso, que posteriormente faliram e venderam



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

suas ações para o argentino Francisco Mendes. Essa nova empresa, Larejeira e Mendes, monopolizou as terras ao sul de Mato Grosso.

Com a criação do Território Federal de Ponta Porã, já no período do Estado Novo (1937 a 1945), com vistas a “nacionalizar” a região de Mato Grosso, vinculando a área fronteira diretamente a união, facilitando a ação do governo federal sobre ela, encerrou a possibilidade de aumento e de continuação do arrendamento de terras à Laranjeira e Mendes. A partir disso, a pecuária assume o papel de principal atividade econômica de Mato Grosso (OLIVEIRA, 1999)

Mas foi a partir da década de 1950 que empresas de capital nacional passaram a investir em frigoríficos, interiorizando suas invernadas, ampliando a atividade de engorda para o extremo sul mato-grossense, para o Pantanal de Mato Grosso e o Sudeste de Goiás, onde existiam apenas as fases de cria e recria. Desta forma, o interior de São Paulo perde a exclusividade na engorda (PAVÃO, 2005).

Conforme Pavão (2005), o resultado disso foi a instalação de frigoríficos também em Mato Grosso com a inauguração do Matadouro Industrial de Campo Grande, os produtores pararam de vender seus rebanhos magros para São Paulo e vendiam animais gordos para o frigorífico.

5. A Situação Atual da Pecuária Mato Grosso do Sul

No processo de estruturação produtiva brasileira em vias de constituição, Mato Grosso do Sul foi assumindo o papel de fornecedor de produtos primários, tendo na pecuária sua principal atividade. No período de industrialização brasileira, na década de 1930, o papel de toda a região Centro-Oeste era de fornecer alimentos e outros bens primários para auxiliar o processo que ocorria na região sudeste.

No Mato Grosso a atividade de bovinocultura responde por distintas etapas no processo histórico ocupando a região de maneira oficial desde o século XVIII, quando da necessidade de carne para abastecer trabalhadores que construíam a estrada que ligava Cuiabá a Vila Boa de Goiás, além de suprir a população residente praticante do extrativismo mineral, e nos diversos ciclos que se sucederam até ser atividade econômica principal após 1930. Já findo a segunda metade do século XX ela deixa de ser a principal atividade econômica da região, abrindo espaço para a moderna agricultura de exportação (BONJOUR, FIGUEIREDO e MARTA, 2007; BORGES, 1991).



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Atualmente, a região Centro-Oeste concentra o maior rebanho bovino do país, o que foi impulsionado pelos programas de colonização do Centro-Oeste no Governo Vargas e pelos programas governamentais de expansão e desenvolvimento do Centro-Oeste a partir da década de 1970. O Estado do Mato Grosso do Sul, segundo dados da FAMASUL (2011), possui o 2º maior rebanho bovino de corte do país, é o quarto no ranqueamento de exportação e abate cerca de 3,9 milhões de cabeças /ano. Boa parte da região Centro-Oeste ofereceu, durante a última metade do século XX, ótimas possibilidades de expansão devido a sua posição geográfica e a oferta de pastagens naturais, preços de terras mais acessíveis em relação a outras regiões, como o sul e o sudeste. Sem contar que esta localizada próxima a São Paulo, maior centro consumidor do país.

Houve um grande avanço sobre a pecuária, hoje a atividade exerce função muito importante dentro do Estado, inclusive na geração de empregos e nas relações comerciais externas. Em números da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) revelam que em fevereiro deste ano, MS ampliou a negociação de carne bovina com outros países, passando de 23 para 26 compradores. MS exportou 9,3 mil toneladas em fevereiro deste ano, com aumento de 45% frente o mesmo período do ano passado, quando as negociações externam acumularam 6,4 mil toneladas. Atualmente, MS ocupa a quarta posição no ranking nacional de exportadores de carne bovina, com participação de 12,36%, atrás de SP, GO e MT. (Dados informativo casa rural Bovino de Corte)

De acordo com o vice-presidente de Finanças da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil) e presidente do Conselho Administrativo do Senar/MS, Ademar Silva Junior, a pecuária sul-mato-grossense é considerada uma das mais adiantadas no Brasil. Tem a base genética do Nelore somada à base genética europeia vinda dos Estados do Sul. E, na última década, a chegada de pecuaristas de São Paulo, Minas Gerais e Goiás contribuíram para que o MS fosse reconhecido como detentor de um rebanho que se destaca não só pela quantidade como pela qualidade, o que atraiu indústrias frigoríficas para a região.

A pecuária extensiva em Mato Grosso do Sul também incorporou tecnologias-genéticas, nutricionais e de manejo- que chegaram a posicionar o Estado como detentor do maior rebanho bovino do País, com pastagens que ultrapassaram os 20 milhões de hectares e rebanho de mais de 24 milhões de cabeças de bovinos, representando mais de 12% de rebanho bovino brasileiro - conforme dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Quadro 1 - Evolução de Rebanho Bovino de Moto Grosso do Sul

Ano	Rebanho MS (em cabeças)	Participação de (MS em %)
1977	-	-
1978	9.375.241	8,77
1979	10.020.281	9,18
1980	11.904.494	10,01
1981	12.942.869	10,63
1982	13.190.347	10,68
1983	13.472.519	10,85
1984	13.882.717	10,88
1985	14.991.356	11,67
1986	15.986.846	12,09
1987	16.496.082	12,15
1988	16.976.555	12,16
1989	17.732.406	12,30
1990	19.163.736	13,03
1991	19.542.644	12,85
1992	20.394.644	13,22
1993	21.800.445	14,05
1994	22.224.427	14,06
1995	22.292.300	13,83
1996	20.755.727	13,11
1997	20.982.933	13,00
1998	21.421.567	13,13
1999	21.576.384	13,11
2000	22.205.408	13,07
2001	22.619.950	12,82
2002	23.168.235	12,50



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

2003	24.983.821	12,78
2004	24.715.372	12,09
2005	24.504.098	11,83
2006	23.726.290	11,52
2007	21.832.001	10,93
2008	22.365.219	11,06
2009	19.000.000*	-

Fonte: PPM/IBGE

*Estimativa da Iagro /MS

Atualmente a pecuária ocupa uma posição privilegiada para o agronegócio brasileiro e internacional. Os dados da balança comercial do agronegócio sul-matogrossense mostram isso para o estado, pois em 2009, o total de produtos exportados pelo MS gerou uma receita de US\$1,785 bilhão, sendo 90,2% representados por produtos do agronegócio, o que equivale à receita de US\$ 1, 611bilhão nos doze meses de 2009, sendo a carne bovina um dos principais produtos da pauta. Somente nos últimos doze anos, compreendidos entre 1998 e 2009, o agronegócio de MS ampliou suas exportações em 1.133%, passando de uma receita de US\$ 130,7 milhões em 1998 para US\$ 1,611 bilhão em 2009. Em 1998, MS respondia por 0,61% das exportações do agronegócio nacional e, em 2009, a participação já atingia 2,49%. (Anuário, 2010).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, F.; CAPRI, L. e RIBEIRO, M.V. **História da sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1979.

ARAÚJO, M. J. (2005) **Fundamentos de agronegócios**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2005

BECKER, B. K. e BERNARDES, J. A. Notas sobre a organização espacial da pecuária no Brasil. **Anuário do Instituto de Geociências (IGEO)**, v.2, p1-17, 1978.

BONJOUR, S.C.; FIGUEIREDO, A.M. e MARTA, J.M. (2008) A pecuária de corte no estado de Mato Grosso. **46º Congresso da SOBER**. 20 a 23 de julho. Rio Branco, 2008.

BORGES, F.T.M. (1991). **Do extrativismo à pecuária**: algumas observações sobre a história econômica de Mato Grosso (1870-1930). Cuiabá: Genus, 1991.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

cafeeiro e modernidade – Barretos (1854/1931) Tese (doutorado em história),
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

CLAUDINO, L. *et al.* Transformações nos territórios de produção bovina pelo
desenvolvimento do setor agropecuário: estudo comparativo entre Brasil e Uruguai.
Revista IDEAS. v.7, n.1, p.8-42, 2013.

Doratioto, F. **Maldita Guerra**. Companhia da Letras, 2002

ESSELIN, Paulo Marcos. **A gênese de Corumbá – confluência das frentes
espanholas e portuguesas em Mato Grosso – 1536-1778**. Edufms. Campo Grande,
2000.

Fazoli Filho, A. **História do Brasil**. São Paulo: editora do Brasil, 1977. 384 p.

FAZOLI FILHO, A. **História do Brasil**. São Paulo: editora do Brasil, 1977. 384 p.

Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul – FAMASUL (2011).
Retrospectiva Agro 2011: um balanço do agronegócio do Mato Grosso do Sul 2011.
Informativo Casa Rural. Edição retrospectiva 2011. Campo Grande: SENAR, 2011.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DE MATO GROSSO DO SUL –
FAMASUL (2011). Retrospectiva Agro 2011: um balanço do agronegócio do Mato
Grosso do Sul 2011. **Informativo Casa Rural**. Edição retrospectiva 2011. Campo
Grande: SENAR, 2011.

FURTADO, C. (2003) **Formação econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo:
Companhia Editora Nacional, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Trimestral do Abate
de Animais - julho-setembro 2013: Estado do Mato Grosso do Sul**. Disponível
em:

<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/default.asp?t=1&z=t&o=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1&u7=1&u8=1&u9=1&u10=1&u11=1&u12=3&u13=1&u14=26674&u15=1&u16=1&u17=1&u1=38> > Acesso em: 20/03/2014.

NADAI, E. e NEVES, J. (1980) **História do Brasil: da colônia à república**. São Paulo:
Saraiva, 1980.

OLIVEIRA, Benícia C. **A política de colonização do Estado Novo em Mato Grosso
(1937-1945)**, Dissertação em História. UNESP- Assis, 1999.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

PAVÃO, Eugênio. S. 2005. **Formação, Estrutura e Dinâmica da Economia de Mato Grosso do Sul no contexto das Transformações da Economia Brasileira.** Dissertação de Mestrado em economia industrial, Universidade de Santa Catarina.

PEREIRA, D. (2011) **Das relações históricas Cabo Verde – Brasil.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. 164 p.

PRADO JÚNIOR, caio. **História Econômica do Brasil – 1500-1930.** Editora brasiliense Ltda. São Paulo, 1949.

Silva, F. de A.; Bastos, P.I. de A. (1983). **História do Brasil:** Colônia, Império República. 2.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1983.

VALVERDE, O. Geografia da pecuária no Brasil. **Revista Portuguesa de Geografia (FINISTERRA).** v.2, n.4, p.244-261, 1967.